



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS CAMPUS PALMAS
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA CLARA SARMENTO ROCHA

LÉXICO E CULTURA: palavras e expressões tocaninenses

**Palmas-TO
2023**

ANA CLARA SARMENTO ROCHA

LÉXICO E CULTURA: palavras e expressões tocaninenses

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins- *Campus Palmas* com habilitação Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

**Palmas-TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

R672l Rocha, Ana Clara Sarmento
LÉXICO E CULTURA : Palavras e expressões tocan-
tinentes / Ana Clara
Sarmento Rocha. – Palmas, TO, 2023.
54 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023.

Orientadora: Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

I. Léxico. 2. Identidade Cultural. 3. Tocantins. I. Dias, Ana Lourdes
Cardoso. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

ANA CLARA SARMENTO ROCHA

LÉXICO E CULTURA: palavras e expressões tocantinenses

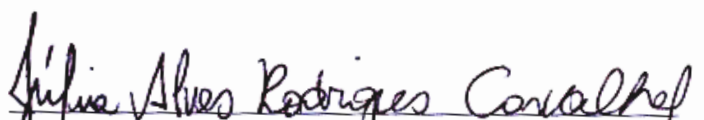
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins- *Campus Palmas* com habilitação Letras/Língua Portuguesa.

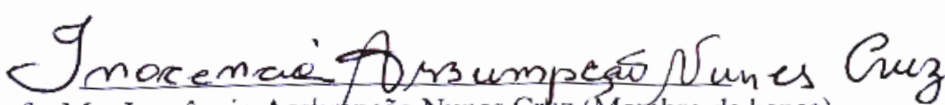
Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

Aprovado em: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias (Presidente)
IFTO - *CAMPUS PALMAS*


Profa. Dra. Júlia Alves Carvalho (Membro da banca)
IFTO - *CAMPUS PALMAS*


Profa. Ma. Inocência Assunção Nunes Cruz (Membro da banca)
IFTO - *CAMPUS PALMAS*

*Aos meus pais, Jamildo e Paula, e a minha
irmã Jamilla, pelo incentivo e contribuição
durante minha trajetória no curso de Letras.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, não caberia em palavras a gratidão e devoção pela graça, e todos os milagres diários que Ele realiza em minha vida. Pela inspiração, motivação e oportunidade de concluir esse curso.

Aos meus pais, Antônio Jamildo e Ana Paula, que sempre estiveram presentes em todas as fases da minha vida. Por investir em minha educação e me incentivar a prática da leitura, por proverem minhas necessidades e acreditarem que eu conseguiria, e eu consegui!

A minha irmã, Jamilla, pelo apoio, ajuda e críticas que nem sempre foram construtivas, mas que cooperaram para minha formação acadêmica.

Ao meu namorado, João Pedro, que desde o início desse curso estudou comigo, me incentivou e acolheu, por me confortar em momentos de angústia e acreditar na minha capacidade.

A minha orientadora, Ana Lourdes Cardoso Dias, pela paciência comigo no amadurecimento dessa ideia, que esteve presente desde o início do curso, e na elaboração deste trabalho, pelo carinho e ensinamentos, você me serve de inspiração e é uma ótima professora!

Ao corpo docente que constitui esse curso de Letras e a contribuição de todos para minha aprendizagem, em destaque a professora Fernanda Neves e Nahete Alcântara pela motivação e por me fazer acreditar que eu serei uma boa professora.

Aos amigos que a faculdade me proporcionou, principalmente ao Gabriel, Áquilla e Clarine, vocês tornaram essa jornada mais leve, juntos carregamos um ao outro, nos motivamos e desmotivamos, e principalmente, nos apoiamos.

*As palavras têm a leveza do vento e a força da
tempestade.*

Victor Hugo

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como propósito um estudo léxico-semântico com foco na significação e etimologia das palavras e expressões tocantinenses, relacionando os aspectos linguísticos, socioculturais e históricos. Dessa forma, propõe-se um estudo que analisa as escolhas lexicais e, concomitantemente, o reconhecimento e a valorização da cultura do estado, expressa através da língua. Este trabalho torna-se relevante devido à carência de trabalhos científicos no âmbito da semântica relacionados ao léxico, à identidade e à cultura do estado do Tocantins, além de contribuir para valorização da identidade cultural tocantinense. Quanto à metodologia, a presente pesquisa é de natureza básica, possui abordagem qualitativa, de caráter explicativo e foi realizada com base em procedimentos bibliográficos. Além disso, o trabalho foi fundamentado levando em consideração autores como Eagleton (2005), Vannucchi (1999) e Biderman (1996), no que tange a cultura e suas implicações na sociedade; para abordar a conceituação de identidade, foram citados Hall (2006), Cucho (1999) e Silva (2012); para a discussão a respeito do léxico, baseou-se nos estudos de Biderman (1996), Dias (2016), Paula (2006) e Faria (2017); no que se refere à língua e a linguagem foram pontuados Biderman (2001), Ilari e Basso (2014), Nunes (2002) e Vilela (1997). Nesse cenário, teve como intuito evidenciar as influências de processos estruturais e históricos relacionados à determinadas palavras e expressões, assim como o progresso e as mudanças ocorridas, focando na significação e na origem, relacionando-as com a discussão teórica pautada referente a identidade cultural tocantinense expressa na língua.

Palavras-Chave: Léxico; Tocantins; Cultura; Identidade.

ABSTRACT

The purpose of this Final Project is lexical-semantic study focusing on the meaning and etymology of Tocantins words and expressions, relating linguistic, sociocultural and historical aspects. Therefore, a study is proposed that analyzes lexical choices and, concomitantly, the recognition and appreciation of the state's culture, expressed through the language. This work becomes relevant due to the lack of scientific work in the field of semantics related to the lexicon, identity and culture of the state of Tocantins, in addition to contributing to the appreciation of the cultural identity of Tocantins. About the methodology, this research is basic in nature, has a qualitative approach, of an explanatory nature and was carried out based on bibliographic procedures. Furthermore, the work was based taking into account authors such as Eagleton (2005), Vannucchi (1999) and Biderman (1996), regarding culture and its implications for society; to address the conceptualization of identity, Hall (2006), Cuche (1999) and Silva (2012) were cited; the lexicon was based on studies by Biderman (1996), Dias (2016), Paula (2006), and Faria (2017); with regard to language and language, Biderman (2001), Ilari and Basso (2014), Nunes (2002) and Vilela (1997) were scored. In this scenario, the aim was to highlight the influences of structural and historical processes related to certain words and expressions, as well as the progress and changes that have occurred, focusing on the meaning and origin, relating them to the theoretical discussion based on Tocantins' cultural identity. expressed in the language.

Keywords: Lexicon; Tocantins; Culture; Identity.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Unidades lexicais do Dicionário Tocantinense (2002).....	38
QUADRO 02 - Pesquisa de sondagem realizada pela plataforma virtual Instagram.....	43
QUADRO 03 - Expressões do Dicionário Tocantinense (2002).....	45
QUADRO 04 - Pesquisa de sondagem realizada pela plataforma virtual Instagram.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - LÍNGUA, IDENTIDADE E CULTURA	12
1.1 Identidade e Cultura	12
1.2 Léxico	15
1.3 Léxico do português brasileiro	18
CAPÍTULO 2 - CONTEXTO HISTÓRICO DO TOCANTINS	23
2.1 Formação do Tocantins	23
2.2 Dicionário Tocantinense de Liberato Póvoa	32
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	35
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	38
4.1 Análise das palavras	38
4.2 Análise das expressões	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

A língua é o principal elemento mediador das interações sociais, é a forma como compreendemos e nos relacionamos com o mundo, constituindo relações, visto que a prática é permeada pela palavra. Por meio das interações entre os indivíduos e dos vínculos gerados, mediante a linguagem, são formadas tradições, padrões sociais e variações linguísticas, dessa forma, constituindo uma cultura. Do mesmo modo, é por meio da comunicação que a cultura é transmitida entre gerações. Compreender que cada povo tem uma cultura, de forma a concretizar as suas tradições, valores, costumes e moral, é se reconhecer como membro pertencente a uma sociedade, entender as suas origens e motivações, possuir uma identidade social.

Ademais, o léxico regional, formulado através das características particulares de uma determinada região, possui especificidades que o difere de outras regiões e o torna único, concebendo uma identidade da região e da sua comunidade, pois, o uso de variedade linguística marca a inclusão num dado grupo social e dá uma identidade a seus membros. (FIORIN, 2013). Dessa forma, esse trabalho tem como proposta de pesquisa desenvolver um estudo para analisar a interface entre a identidade e a cultura na linguagem. Com isso, a intenção é compreender como a identidade e a cultura marcam as palavras e expressões tocantinenses.

Nessa perspectiva, este trabalho torna-se relevante devido à importância de entender que a identidade cultural se refere ao sentimento de pertencimento dos indivíduos à uma comunidade, e esse sentimento é possível ser constituído por intermédio da língua. Dessa forma, propôs-se estudar as palavras e expressões tocantinenses com vistas a revelar, por meio dos estudos linguísticos, aspectos socioculturais, históricos e identitários marcados no léxico tocantinense. Nota-se também no desenvolvimento desta pesquisa que há poucos trabalhos científicos no âmbito da semântica relacionados ao léxico, à identidade e à cultura do estado do Tocantins, sendo assim, busca-se contribuir com os estudos na área. Além disso, vale destacar que a justificativa para este trabalho parte de uma motivação pessoal da autora, que a partir da observação, como cidadã tocantinense, notou essas palavras e expressões em suas práticas de comunicação. Logo, o estudo do léxico de um povo é uma forma de registrar suas tradições, visão de mundo e valores transmitidas por gerações por meio da língua. É certo que o estudo da língua de um povo contribui para combater o preconceito contra as diferenças linguísticas e culturais. Além de proporcionar o conhecimento sobre as diferentes relações

humanas, pois conhecendo os costumes, visão de mundo e valores de um determinado grupo social é possível compreender o sentido das manifestações linguísticas e culturais e, a partir daí, valorizá-las.

Tendo isso em vista, o presente trabalho buscou responder problemáticas referentes ao Tocantins ter uma identidade cultural reconhecida pela linguagem através da variedade lexical; quais os fatores sociais que motivam o uso dessas palavras e expressões pelo povo tocantinense e qual a relação delas com o contexto histórico e cultural. Sendo assim, pretendeu-se atingir o objetivo de compreender as origens, os significados e as motivações para o uso das palavras e expressões tocantinenses, e estabelecer uma conexão entre elas e o ambiente sociocultural e histórico do estado do Tocantins. Ao fazer isso, propõe-se um estudo que analisa as escolhas lexicais e, concomitantemente, o reconhecimento e a valorização da cultura do estado, expressa através da língua da comunidade.

No que tange a metodologia, a presente pesquisa é de natureza básica, possui abordagem qualitativa e com procedimentos bibliográficos. Para elaboração deste trabalho foram usados como fundamentação teórica, principalmente, Eagleton (2005), Vannucchi (1999) e Biderman (1996), para conceituar sobre a cultura e suas implicações na sociedade; Stuart Hall (2006), Cuche (1999) e Silva (2012), para abordar a questão da identidade; Biderman (1996), Dias (2016), Paula (2006), Faria (2017) e Petter (1955), para fundamentar sobre o léxico e o léxico do português brasileiro; Biderman (2001), Ilari e Basso (2014), Horta Nunes (2002) e Vilela (1997), no que se refere à língua e a linguagem; Palacin (1994), Nascimento (2019 e 2020), Parente (2007) e Póvoa (2004), para análise sobre a cultura, história e geografia dos estados de Goiás e Tocantins.

Sendo assim, a partir dessas considerações o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi organizado em quatro capítulos. O primeiro se refere a língua, identidade e cultura, nesse capítulo é realizada a conceituação da identidade, da cultura, sua relação com a língua, do léxico e feito um breve aparato sobre o léxico do português brasileiro. No segundo, é apresentado o contexto histórico da criação do estado do Tocantins e sua cultura. O terceiro capítulo é apresentada a metodologia que orienta esse trabalho. E por fim, no quarto capítulo, foi realizada a análise e a discussão dos dados.

A partir da análise das palavras e discussão do resultado dos dados foi possível identificar que ainda há palavras e expressões que são utilizadas pela população em seus hábitos de fala, porém a maioria delas estão iniciando o processo de desuso. Indicando que possivelmente esses léxicos são característicos da época e contexto de quando foram cristalizados.

CAPÍTULO 1 - LÍNGUA, IDENTIDADE E CULTURA

Neste capítulo, serão apresentadas concepções sobre a Identidade, Cultura, Léxico e Léxico do Português que serviram de base para fundamentação teórica deste Trabalho. Primeiramente, será abordado sobre a Identidade e a Cultura e sua relação com a linguagem, em seguida sobre o Léxico e o Léxico do Português Brasileiro e sua contextualização histórica no Brasil, bem como sua relação com a Identidade e cultura.

1.1 Identidade e Cultura

Para discussão acerca da relação entre língua, identidade e cultura compreenderemos primeiramente a concepção e a relação entre a identidade e a cultura com a linguagem. Iniciando com a cultura, para conceitualizar essa discussão será apontado como principais teóricos: Terry Eagleton (2005), Aldo Vannucchi (1999) e Biderman (1996), que estudam sobre o que é considerado cultura, suas implicações na sociedade e na língua. E para abordar a questão da identidade o trabalho será fundamentado principalmente com: Stuart Hall (2006), Cuche (1999) e Silva (2012), que abordam sobre os tipos de identidade, sua construção e influências.

A palavra e o conceito de cultura não possuem uma definição única, segundo o popular Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, escrito pelo filólogo e professor Aurélio Buarque de Holanda, a cultura é o “conjunto das estruturas sociais, religiosas, das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade, diferenciando-a de outras”. Já para o filósofo Terry Eagleton (2005), “a cultura é o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”. E para Aldo Vannucchi (1999), “a cultura é o modo de viver típico, o estilo de vida comum, o ser, o fazer e o agir de determinado grupo humano, desta ou daquela etnia.” Dentre os citados e diversos outros conceitos, a ideia comum é a de que a cultura de uma comunidade é produto do comportamento coletivo de um específico grupo de pessoas, sendo identificada a partir da observação de seus hábitos, padrões e condutas, resultados de sua cultura os sujeitos se constatarem como integrantes de determinada comunidade quando adquirem e reproduzem esses comportamentos.

Anteriormente à sua concepção, a palavra “cultura” tem origem na língua latina, denominado *colere*, e possuía um significado divergente ao que se é usado atualmente. Relativo a isso, Eagleton (2005) aponta que

A raiz latina da palavra “cultura” é *colere*, o que pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger. [...] Mas *colere* também desemboca, via o latim *cultus*, no termo religioso “culto”, assim como a própria idéia de cultura vem na Idade Moderna a colocar-se o lugar de um sentido desvanecente de divindade e transcendência. (EAGLETON, 2005, p. 12)

A princípio, para compreender a cultura, remontamos a um de seus significados originais, que é a lavoura ou o cultivo agrícola, aquilo que é natural ou cultivado e que cresce naturalmente. Logo, a cultura deriva da agricultura, da atividade manual do cultivo de terras muito comum de nossos antepassados. Todavia, com a evolução temporal e social a palavra cultura foi concebendo outros sentidos, cada um estando de acordo com a perspectiva em que é analisada. No contexto atual, contraditoriamente, o pressuposto de Vannucchi (1999), - educador e escritor brasileiro de filosofia - considera-se a cultura como tudo aquilo que não é natureza e que não é natural, entretanto todo exercício humano na natureza e com a natureza é tido como cultura. A cultura não é entendida, hoje, como algo natural porque ela é vista como uma construção compartilhada de uma comunidade.

Por intermédio da cultura, compreendemos o funcionamento desde pequenos grupos até a sociedade como um todo, a cultura é uma forma de identificar uma civilização, uma etnia ou uma nação, seja por seus rituais, maneiras de agir e tradições. Assim, entendemos que toda a ideologia da cultura sucede de determinada forma de entender o ser humano. “É por meio dessa antropovisão que se evidenciam os elementos básicos das manifestações culturais: o que são elas, de onde nascem e para que servem.” (Vannucchi, 1999, p.19).

Com isso, a cultura se apresenta como um mecanismo que permite a inserção e a interação do indivíduo em qualquer meio coletivo à medida que observa e replica seus padrões, ela instrui a conviver socialmente, conhecer, aceitar e adotar parâmetros de comportamento de determinado grupo social. Grande parte da cultura, em algumas regiões, representando um patrimônio da sociedade é transmitida ao longo do tempo entre as gerações por intermédio da língua, ensinando oralmente valores, crenças e atitudes. Assim como Biderman (1996, p. 44) aponta, “a herança cultural é passada às novas gerações através da linguagem. A língua é o veículo por excelência da transmissão da cultura.”

Partindo disso, este trabalho terá como objetivo de análise a cultura expressa por meio da língua como forma de identificar as pessoas tocantinenses, ou seja, a identidade cultural do Tocantins através de palavras e expressões. Uma vez que é por intermédio da língua que é

possível constituir em uma comunidade um modo de vida. A cultura, característica da sociedade humana, é “organizada via o veículo cognitivo que é a linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões aprendidas, das experiências vividas, das crenças míticas de uma sociedade.” (MORIN, 1991, p. 17 *apud* FURTADO, et al., p. 93).

Diante do exposto, é importante levar em consideração neste estudo que, com os avanços sociais, os seres humanos passam por constantes processos de identificação, e entre esses processos há o de identificação como membro de um grupo. Na atual conjuntura, as culturas das nações em que nascemos consistem em uma das principais fontes de identidade cultural, isso porque conseguimos identificar indivíduos de diversas regiões à medida que observamos suas tradições, costumes e sua fala. Conforme essa temática, ao falar sobre cultura falamos também sobre identidade, pois toda identidade, seja ela qual for, é construída, e essa concepção e formação da identidade se fundamenta, segundo Castells (2008), pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e religiosidade.

Apesar da fala de Castells, a conceituação de identidade possui diversas definições, que podem mudar conforme o enfoque que se deseja, cada escritor a pontua de uma forma, a utilizada neste trabalho será a identidade social, a que define o pertencimento de um indivíduo a um grupo específico. É ela que permite o sujeito pertencer-se a um grupo social e ser referenciado pelos outros como membro daquele determinado povo. Esse reconhecimento acontece através da apreensão dos valores, hábitos, crenças, tradições e formas de trabalho, pois, para Hall (2006, p. 51) “uma vez que as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.”

Dito isso, é evidente que a caracterização de um conceito de identidade é complexa, contudo, universalmente a identidade se refere à relação do pertencimento de indivíduos a uma cultura linguística, racial, religiosa, regional, e das características nacionais, segundo Hall (2006). Consequentemente, adquirir os costumes de um grupo é uma forma de se firmar como membro de uma comunidade e ser reconhecido pelos demais como tal. Desse modo, utilizar algumas palavras e expressões específicas é uma forma de se identificar como integrante daquele determinado grupo ou região.

Decerto somos responsáveis por construir nossas identidades, e nessa construção estamos sujeitos a interferências externas, tanto culturais como sociais, pois a identidade também é formada de acordo com as influências sobre os indivíduos. Logo, à medida que nós produzimos a cultura, a fazemos como um elemento na identidade social de um povo. Já a

identidade social, segundo Cuche (1999, p. 177), exprime a resultante das diversas interações entre o ser humano e seu ambiente social, próximo ou distante, a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social.

Com isso, podemos colocar que a linguagem também é uma maneira de caracterizar e de identificar uma comunidade, por meio dela ingressamos na sociedade, constituímos relações, expressamos vivências e emoções. A linguagem pode ser entendida como um conjunto de sinais já estabelecidos anteriormente que oportuniza realizar atos de comunicação. Dessa maneira, a identidade social é construída pela sociedade através da linguagem e da língua. Silva (2012) discorre sobre isso quando aponta que

Dizer, por sua vez, que identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. [...] A definição da identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais. (SILVA, 2012, p. 76-77)

A identidade social quando se refere a um povo e a sua cultura também se configura de certa forma como uma identidade cultural. Nesse sentido, “A questão da identidade remete, em um primeiro momento, à questão mais abrangente da identidade social, da qual ela é um dos componentes.” (CUCHE, 1999, p.176-177). A identidade cultural, que seria a cultura a que uma pessoa se identifica, está intimamente relacionada com a história, o local, a etnia e a crenças, no caso deste trabalho está relacionada com a região do estado do Tocantins e com o sentimento de pertencimento a essa comunidade quando se adquire seu léxico, isto é, palavras e expressões utilizadas pela maioria dos moradores em seu cotidiano.

A língua é uma das principais influenciadoras na identidade cultural de uma população, pois, através dela nomeamos espaços e coisas, desenvolvemos relações com outros indivíduos e construímos uma comunidade. Logo, a linguagem, a cultura e a identidade estão conectadas, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida, e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação. A linguagem está presente em todos os momentos na vida de todas as pessoas, assim como cita Fiorin (2008), é impossível organizar o mundo com sua ausência, porque de fato é por meio dela que ocorre o compartilhamento de informações e vivências entre os membros da sociedade.

1.2 Léxico

Consoante às discussões referente da identidade e cultura presentes na linguagem, seguiremos para a análise acerca do léxico e da língua, usaremos como base os estudos de Biderman (1996), Dias (2016) e Paula (2007) para tratar do léxico e de Faria (2017) e Petter (1955) no que se refere à língua e a linguagem.

Segundo Dias (2016), no tocante à origem da nomeação de objetos e seres, houve a necessidade de se nomear a realidade a partir do instante em que o ser humano interage com o mundo, ao se habituar com o termo há a consolidação que se amplia havendo a necessidade de partilhar com os demais participantes. Esse fenômeno é nomeado de lexicalização, resultando no processo de construção de um conceito. Essa realidade é descrita em palavras que são utilizadas por esses participantes em seu meio social.

O ato de atribuir nomes se origina da categorização, ainda de acordo com Dias (2016), que representa o sistema utilizado pelo ser humano para adequar ou distinguir certas particularidades conforme são percebidas ou apreendidas através de seus sentidos e processo cognitivo. Sendo assim, quando ocorre a categorização, a ação de nomear ocorre imediatamente depois. É por isso que a categorização é a base do significado em uma língua natural e por meio dela que o ser humano adquiriu e aprimorou a capacidade e a competência de estabelecer conexões entre palavras e conceitos.

Partindo disso, o objetivo do trabalho é descrever a língua como um instrumento usado para caracterizar uma comunidade, visto que “a língua utilizada por uma comunidade de fala é influenciada pelos indivíduos que a compõem, pois esses costumam se organizar de acordo com traços que têm em comum, como, por exemplo, idade, faixa etária, grau de escolaridade e profissão.” (FARIA, 2017, p.23). O léxico de uma língua é um conjunto de palavras utilizadas por um grupo de pessoas, e pode variar de acordo com as pessoas e as características que compõem cada comunidade. O léxico é evidenciado por meio da língua utilizada habitualmente, representando as vivências e o conhecimento humano, bem como a sua conduta social e cultural. Isso porque cada termo existente na língua está presente considerando a maneira como os sujeitos percebem o espaço em que estão inseridos.

De acordo com Biderman (1996), o léxico pode ser definido como um conjunto de elementos lexicais de uma língua, isto é, de palavras próprias de uma língua. Sendo fundamental para a comunicação oral, haja vista que as relações são construídas e o conhecimento é propagado por meio de associações que são viabilizadas pelo léxico.

O léxico é uma parte integrante da cultura e da história de uma comunidade, proporcionando aos membros se comunicarem e estabelecerem relações entre si, dessa forma

possibilita entender e compreender a dinâmica de diversos grupos sociais. É uma forma de construir uma identidade específica, através de como esta cultura se expressa na fala das pessoas. Com isso, entendemos que o léxico representa um complexo de termos e expressões de um povo, neles estão contidas suas experiências culturais recortadas na língua de que fazem parte, de acordo com Paula (2007, p.54), “expressões das crenças, as artes culinárias e medicinais, as tradições, as inovações e todas as nuances da vivência social de um povo fazem notar o seu universo lexical.”

O conjunto das palavras de uma língua é reflexo de todas as práticas adquiridas por uma sociedade refletidas na sua cultura, que é transmitida por gerações, conforme Biderman (2001). Devido a isso, pode-se concluir que o léxico de uma determinada comunidade é a consequência dos seus costumes, relações sociais, regras, cultura, criações, necessidades, convenções, entre outros diversos fatores. É fato que os aspectos citados podem sofrer mutações, uma vez que a sociedade é dinâmica e está sempre em desenvolvimento, Biderman (1996) afirma isso quando ressalta que o léxico está em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, e nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização.

No que se refere à língua, Petter (2002) estabelece que a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade. Sendo assim, entendemos que a língua é uma ferramenta de interação exterior ao indivíduo, e se utiliza de regras gramaticais permitindo que as pessoas sejam capazes de formular declarações que lhes proporcionem a comunicação.

A língua, e consequentemente a linguagem, como instrumento de comunicação universal é transmitida entre membros de uma comunidade por gerações. Mas, em consonância com Biderman (2001), apesar da mudança da língua de acordo com a evolução dos usuários, algumas palavras permanecem em uso, esses termos se cristalizam nesses grupos e corroboram para a formação de sua identidade. Uma vez que as identificações são obtidas de forma social, abrangendo as relações linguísticas como um conhecimento prévio. Nesse sentido,

A linguagem como prática compartilhada, pública e comunitária é um tema que se destaca, principalmente quando se pensa na cultura como um texto, como um modo de ordenar os dados sensoriais da experiência através de conceitos e significados. Assim, transcendendo ao próprio ato da nomeação, palavras já criadas e empregadas em outras épocas, por outras pessoas, em contextos diferentes, seguem sendo

relevantes, adequadas e usadas por toda uma comunidade, pois, dotadas de um índice sociocultural peculiar, designam, classificam, indicam. (SEABRA, 2004, p. 24 *apud* FARIA, 2017, p. 24)

Sendo assim, fica claro que obter uma língua nos possibilita integrar uma sociedade envolvida em um exercício comum por meio da utilização de diversas habilidades comunicativas compartilhadas. Dessa forma, adquirir uma língua implica em fazer parte de uma tradição, compartilhar narrativas e ter acesso a uma memória coletiva repleta de relatos, pontos de vista, referências e demais elementos que nos tornam humanos.

É essencial pontuar que o léxico não é algo inalterável ou definitivo, mas dinâmico, fluido e suscetível a agregar novos vocábulos, bem como se desprender de outros de acordo com o uso dessas palavras pela comunidade de fala. E também que após a cristalização de alguns léxicos na sociedade, esses termos se tornam parte da cultura, que se apoia e se desenvolve em uma identidade.

Dessa maneira, concluímos que o léxico é uma forma de transmitir e documentar o acervo social e cultural que a sociedade adquiriu durante todo seu percurso histórico até o que nos encontramos atualmente. O léxico da língua equivale a um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, registra o conhecimento que a comunidade linguística tem do mundo através das palavras. (BIDERMAN, 2001).

1.3 Léxico do português brasileiro

No que se refere a discussão acerca do Léxico do Português Brasileiro, será feita uma contextualização do percurso da língua desde o período da colonização do Brasil feita pelos portugueses até o período atual. Para isso, o estudo foi fundamentado principalmente em: Biderman (2001), Ilari e Basso (2014), Horta Nunes (2002) e Vilela (1997).

No que se refere a origem do idioma, o português brasileiro, como visto, possui palavras em variadas línguas na sua composição, provenientes do contato de povos, regiões e culturas diferentes. Entretanto, possui sua origem no Latim. O vocabulário do português apresenta duas características indispensáveis, que são a base no Latim e as novas formações, sendo que as novas formações aparecem em diversas formas. Uma das formações do léxico português brasileiro aconteceu através do “empréstimo das línguas que o português foi encontrando ao longo do seu caminho histórico, quer como resultante do ‘encontro de culturas e de história’, quer como resultante da necessidade de denominar novas realidades” (VILELA, 1997, p.42); e outra através dos “empréstimos greco-latinos, quer os que

aproveitaram da relatinização do português, quer os que provieram da componente técnico-científica.” (VILELA, 1997, p. 42).

Dado as variações de outras línguas no português brasileiro, reiteramos a origem do português brasileiro no latim, na variação do latim vulgar. Essa variação era tida como popular, utilizada entre a comunidade que não frequentava a escola em suas rotinas, era usada coloquialmente e sem pretensão de estar correta, foi muito difundida durante a expansão territorial. Com o passar do tempo, essa língua se tornou importante e se transformou, de acordo com Ilari e Basso (2014) em língua românica. E da língua românica originou-se outras, entre elas o português.

Com relação ao léxico do português brasileiro, retomaremos o período da colonização no Brasil. Durante essa época, acerca do ano de 1500, a língua e a cultura do português europeu se estabeleceram no país. Segundo Biderman (2001), nesse período da chegada dos portugueses havia cerca de 1.200 línguas indígenas, pertencentes a três grandes famílias [o tronco Tupi-Guarani, a família Aruak e a família Karib]. Com a imposição violenta da cultura portuguesa sobre a dos habitantes nativos do país, conseqüentemente a língua deles foi afetada, a ponto de no final do século XX restarem apenas 200 línguas indígenas. Porém, apesar dessas condições, a língua indígena Tupi era muito utilizada ainda pelos indígenas, que estavam em maior quantidade que os europeus, e usada também pelos portugueses, que a aprenderam para facilitar o processo de catequização, negociação e exploração das terras. dessa forma, o Tupi se tornou a língua franca do país. Relativo a isso, Nunes (2002) aponta que um fator importante, nos primeiros séculos, que concorreu para a expansão do idioma Tupi, convertendo-o numa língua franca, foi a implantação das bandeiras.

As bandeiras, de acordo com Oliveira (1993), eram movimentos de exploração interna do território com diversos propósitos, os principais eram o aprisionamento de indígenas e a busca do ouro, devido a demanda de encontrar outra fonte de renda após a queda do comércio de açúcar. Com os bandeirantes explorando o interior do Brasil, houve a necessidade de se nomear objetos, fauna e flora nativa que até então eram desconhecidas para os europeus, essas nomeações foram escolhidas com suas denominações originais no Tupi. Alguns desses termos perduram até na época atual.

Assim, ainda de acordo com Oliveira (1993), a língua foi tão difundida que os sacerdotes enviados para catequizar os indígenas eram instruídos em Tupi. Entretanto, apesar de sua pequena ascensão, o uso do Tupi foi decaindo devido a intensa imigração de portugueses para o país, aos movimentos de evangelização dos indígenas pelos jesuítas serem

impostos em português e ao genocídio, que dizimou grande parte das comunidades indígenas que viviam no país. Sendo assim, em 1754, foi proibido o uso da língua geral Tupi pelo Marquês de Pombal, diplomata e primeiro-ministro português. As ordens do Reino estabeleciam ainda que só se falasse português no Brasil, dessa forma o português se instituiu como língua oficial no século XVIII. Além dessas motivações, o português também se impôs devido

Seu prestígio e por representar uma civilização mais avançada que a dos aborígenes. E também porque era a língua da escola, da administração e da comunicação com o resto do mundo, pois foram eles, os portugueses, a ponte entre o Brasil e o resto da humanidade. (NUNES, 2002, p.68)

Além das línguas indígenas, outra língua que tem influência na língua portuguesa brasileira, especificamente no léxico, são as línguas africanas. A importação de africanos em regime de escravização, pelos portugueses, para o Brasil se iniciou no século XVI e continuou até meados do século XIX. Conforme o autor Nunes (2002), nesse período quatro milhões de africanos foram trazidos para o Brasil, e vieram com eles suas culturas e idiomas, entre esses idiomas o iorubá (ou ioruba), nagô (da Nigéria), gege (do Daomé), mina (da Costa do Ouro), mandinga e haussá (da Guiné e da Nigéria), línguas bantus (de Angola e do Congo), quicongo, cabinda, entre outros.

A presença de elementos linguísticos africanos no português brasileiro, segundo Bonvini (2008), aconteceu sobretudo devido imposição cultural de Portugal sobre a deles, às demandas de trabalho relacionadas à escravidão, a imposição de se comunicar somente no português e outros fatores. A substituição e a troca de palavras e expressões entre falantes de línguas africanas e portuguesa se ampliou devido à constante demanda em virtude dos diversos aspectos da vivência diária, sendo a necessidade de informar, estabelecer relações, nomear novas realidades, negociar, entre outros fatores necessários para subsistência dos africanos em outro país, cultura e cenário de vida.

No decorrer de todo esse período no Brasil, a miscigenação entre europeus, indígenas e africanas formou uma população mestiça de raça, cultura e língua. Logo, o português brasileiro possui influência além do Tupi, de outras línguas indígenas e africanas. Biderman (2001) contextualiza que

Nesses quatrocentos anos de convivência, índios, negros, mestiços e brancos foram-se aculturando mutuamente, pouco a pouco. Todavia, como a cultura portuguesa era muito mais desenvolvida, os brasileiros de variadas origens intuitivamente reconheciam essa superioridade. Assim, a língua portuguesa

assimilou as demais, ficando profundamente marcada por influências indígenas e africanas. Essa influência se manifestou sobretudo na fonética e no vocabulário. (BIDERMAN, 2001, p. 964)

Ademais, para se constituir como o português brasileiro atual, apesar da incorporação de palavras de outras línguas, houve mudanças fônicas, mórnicas, sintáticas e semânticas das palavras. Além do uso e da constante alteração dos léxicos conforme é adequado ao contexto em que a comunidade se insere.

Todos os idiomas possuem uma morfologia, sintaxe e léxico específicos, que as fazem únicas e diferentes das demais, Ilari e Basso (2014) nomeiam esse fenômeno de Idiotismo. Com relação ao português brasileiro esses traços de idiotismos foram encontrados nos sons (como ditongos nasais), nos tempos e modos do verbo (como futuro do subjuntivo e infinitivo) e em construções sintáticas (como a colocação dos pronomes entre o radical e a desinência do futuro).

O sistema fonológico do português brasileiro possui 31 fonemas, sendo 10 vocálicos e 21 consonantais (ILARI E BASSO, 2014), as vogais e consoantes podem alterar a fonética de acordo com sua tonicidade, nasalidade e a localização nas palavras, como é o caso do uso do R em raio e barata, além das variedades regionais. Já na morfologia as palavras variam em conjugação (primeira, segunda e terceira), modo, tempo, pessoa e número, e no caso do português brasileiro há tempos verbais únicos, como no caso do futuro do subjuntivo (mantiver e propuser) e infinitivo flexionado (o verbo não recebe flexão pois não há indicação de tempo).

Outra característica da morfologia do português brasileiro é o processo de formação de palavras de acordo com o acréscimo de prefixos e sufixos, como -in, -zinho, -zão, -ista, -eiro, -ante, -semi, -íssimo, -mente, entre outros. É também na morfologia que se separa as palavras por classe, ou seja, por grupos de palavras que possuem a mesma função gramatical, sendo elas: substantivo, adjetivo, verbo, pronome, artigo, numeral, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. E por fim a sintaxe, que é responsável por organizar as palavras em uma frase de maneira coerente, “a análise sintática tradicional mostra que todas as partes da sentença desempenham funções compatíveis com sua categoria, é isso, em síntese, que nos garante que teremos uma sentença sintaticamente conexa, bem constituída.” (ILARI E BASSO, 2014, p. 125)

Dessa forma concluímos, como dito anteriormente e como sucede com o léxico das demais línguas e culturas, de modo algum será possível reconstituir todas as fases percorridas pela língua e desprender a contribuição das muitas gerações que colaboraram até se constituir

na estrutura que está presente nos dicionários modernos. Podemos, no entanto, examinar vocábulos e expressões concretizadas em seu contexto atual, como é o caso das palavras utilizadas pelos falantes da região Tocantinense, analisadas neste trabalho.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTO HISTÓRICO DO TOCANTINS

Neste capítulo, será realizada uma breve contextualização histórica referente a criação do estado do Tocantins. Sendo assim, foi traçado um percurso desde a exploração aurífera da região norte do estado de Goiás até atualmente, contando com a história da luta pela separação do estado do Tocantins, descrição política, geográfica e etnias que compõem a população, com objetivo de compreender as motivações e interesses que moldam as palavras utilizadas pelas pessoas tocaninenses.

Para a discussão acerca do léxico tocaninense é imprescindível fazer um aparato teórico sobre a criação do estado do Tocantins e sua relação com o estado de Goiás, uma vez que Tocantins foi emancipado do norte do Goiás há 35 anos, sendo assim a mais nova unidade federativa formada. Para esse estudo será usado com fundamentação Póvoa (2004), Parente (2007), Nascimento (2019 e 2020) e Palacin (1994).

2.1 Formação do Tocantins

Assim que Portugal chegou ao Brasil, durante o período da colonização, o principal interesse da corte foram os recursos naturais do país, sendo eles a madeira, o minério e o solo. A primeira exploração foi a árvore pau-brasil, que se iniciou no território do Nordeste brasileiro, a exploração e venda desse material se constituiu como a primeira atividade econômica do país, que ocorreu em favorecimento a Portugal. Após a escassez da madeira, se iniciou a economia baseada nas plantações de cana de açúcar, que serviu como marco inicial para o povoamento das regiões do interior do país. Seguindo a exploração açucareira, o movimento da companhia de Jesus, que tinha como objetivo catequizar as pessoas indígenas e convertê-las ao cristianismo, também contribuiu para ocupação da região do interior.

Findada as plantações de cana de açúcar, se iniciou a extração de metais preciosos e ouro, esse período foi o principal responsável pela povoação de grande parte do interior do país. O período da economia aurífera aconteceu na última década do século XVIII e deu início a corrida do ouro, movimento de ocupação que ocorreu devido a população ocupar as regiões à medida que se encontravam fonte de recursos, e assim que se extinguíam partiam para um próximo destino. Parente (2007, p.34) se refere a isso quando cita que a “ocupação econômica das diferentes regiões da colônia brasileira ocorreu segundo a particularidades de cada uma, tendo em vista o interesse da metrópole na exploração dos recursos naturais que poderiam oferecer ao mercado europeu.”

O período da exploração aurífera se constitui de extrema importância para história do Tocantins, principalmente pelo fato de que nesse período aconteceu uma grande movimentação na região. Parente (2007) ressalta que antes de atingir a região do Tocantins, foram descobertas as primeiras jazidas em Minas Gerais, seguida por Cuiabá e por fim em Goiás, que se localizava entre as outras duas jazidas. Sendo assim, o Goiás passou a ser o objetivo dos bandeirantes e grupos de sertanejos, esses percorreram o território até a região Norte, que hoje se estabelece território do estado do Tocantins.

Com a hipótese da existência de jazidas de ouro na região de Goiás, de acordo com Parente (2007), Bartolomeu Bueno da Silva (apelidado de Anhanguera) em 1720, pede autorização ao Rei de Portugal para liderar uma bandeira com destino ao interior do país com objetivo de descobrir a localidade das minas. Ainda segundo a autora, Anhanguera retorna em 1750, para anunciar que encontrou as jazidas e que os sertões de Goyazes contém uma grande quantidade de ouro. Com isso se iniciou o processo de povoamento do Goiás, com arraiais centralizadas de acordo com o processo de exploração das minas, nesse sentido as minas se localizavam em maioria ao norte da região.

Sendo assim foram formados os primeiros arraiais, iniciando pelo de Sant'Anna, próximo à nascente do Rio Vermelho, seguido por Anta, Barra, Ferreiro, Ouro Fino, Santa Rita, Meia Ponte, Jaraguá e Corumbá. No que se refere a região norte de Goiás, surgiram os arraiais de Natividade (1734), São Félix (1736), Pontal, Porto real (1738), Arraías, Cavalcante (1740) e Pilar (1741), enfatiza Palacin (1994).

Durante o período de 1752 a 1778, a arrecadação financeira da produção aurífera atingiu o nível mais alto, devido a isso, começou-se a ser cobrado dos moradores o quinto, imposto pago ao rei que equivalia a um quinto do ouro encontrado. De acordo com Palacín (1994), em decorrência disso e, mais adiante, dos primeiros sinais de escassez do metal, os níveis de produção diminuíram, atrelado a sonegação dos impostos por parte dos mineradores e ao contrabando; que se tentou evitar instituindo o imposto por capitação, “passar-se-ia a pagar não pelo ouro extraído, senão pelo número de escravos empregados (era presumivelmente mais fácil ocultar o ouro que o escravo)” (PALACIN, 1994, p. 48), mas não adiantou e posteriormente voltaram com o imposto pela cobrança do quinto; se vislumbrava o início de uma crise.

Nesse cenário, se iniciou os primeiros sinais da distinção entre a região central e a região norte de Goiás. Inicialmente, ressalta Palacin (1994), com a cobrança maior de impostos para região norte, alegando ser devido a produção aurífera superior e maior quantidade de contrabando, essa situação gerou uma revolta entre os mineradores, que se

enfrentada pelos mineradores da região norte em ir até a casa de fundição localizada em Vila Boa.

Com o grande movimento de exploração do ouro, o recurso foi reduzindo até se tornar escasso. Diversos fatores contribuíram para isso, Parente (2007) cita as técnicas rudimentares que se exploravam as jazidas, o mau armazenamento do ouro, a precariedade da fiscalização, a falta de mão de obra escravizada e a má administração da metrópole. Como a economia de Goiás era firmada na mineração, ao ser afetada enfraqueceu toda a sociedade que residia na região. Pelo fato de Portugal ainda ser dependente financeiramente dos recursos do Brasil, devido ao declínio da mineração, o país entra em uma crise econômica.

Como estratégia para contornar a crise, segundo Nascimento (2019), o rei de Portugal nomeia um secretário de Estado dos negócios para administrar a economia brasileira, sendo assim Sebastião de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal) assume esse cargo e institui uma série de reformas políticas. Entre elas, a autorização para navegação nos Rios Araguaia e Tocantins, essa medida movimentou o comércio e retomou a ocupação do território na região norte.

No que se refere ao território do Tocantins, após o declínio do ciclo do ouro, as expedições e garimpeiros que se aventuravam no interior em busca de riquezas começaram a regressar aos seus locais de origem, abandonando as vilas, especialmente na região norte. Aqueles que permaneceram precisaram recorrer à agricultura e produção de alimentos para garantir sua sobrevivência, gradualmente, dessa forma, uma nova economia começou a surgir. Sendo assim, segundo Póvoa (2004), a expansão natural da população levou ao redirecionamento dos recursos utilizados na mineração do ouro para a produção de alimentos, que passou a ser mais lucrativa, tendo em vista que possibilitou o aumento do comércio e a circulação do capital. Como resultado, a pecuária começou a se estabelecer no território ao norte e a população aumentou.

A população que constituía a região norte do Goiás, atual estado do Tocantins, assim como todo território brasileiro era composta por indígenas, tanto nativos quanto os que fugiam das regiões costeiras, em decorrência da perseguição e ação devastadora promovida pelos colonizadores, algumas comunidades indígenas se firmaram no território do Tocantins. De acordo com Póvoa (2004), as comunidades que habitavam o estado antes da chegada dos europeus eram os Acroá, Afotigé, Apinajé, Aricobé, Carajahi, Carajá, Carijó ou Canoeiro, Carajá, Gradaú, Javaé, Naraguajé, Xambioá, Xavante e Xerente, porém, com as tentativas de escravização, lutas pelo território e doenças que chegaram com os portugueses, a maioria dessas comunidades foram exterminadas.

Em consonância com Póvoa (2004), atualmente as comunidades que sobreviveram moram em reservas, que em alguns casos são demarcadas e protegidas pelo governo. São os Apinajé, que é localizada nos municípios de Itaguatins e Tocantinópolis; Avá-canoeiro, localizada em Formoso do Araguaia, Pium, Cristalândia e Lagoa da Confusão; Carajá, Javaé e Tapirapé, localizadas em Pium, Ilha do Bananal, Formoso do Araguaia, Araguaína, Cristalândia e Lagoa da Confusão; Craô, localizada em Goiatins e Itacajá; Guarani, localizada em Araguaína e os Xerente, localizados em Aparecida do Rio Negro, Lajeado e Tocantína.

Retomando a situação política, iniciou-se os primeiros movimentos de separação da região norte do Goiás, que se manifestaram devido a extensão da capitania de Goiás, circunstância que dificultava a comunicação, administração e, conseqüentemente, o desenvolvimento de todas as regiões. Em decorrência disso, Póvoa (2004) ressalta que foi criada, através do Alvará de 18 de março de 1809, a Comarca do norte, que abrangia as cidades de Arraias, Cavalcante, Conceição, Flores, Porto Real, Natividade, São Félix e Traíra. Esse foi um marco significativo para o início da separação do estado do Tocantins, a partir disso, essa data passou a ser lembrada como dia da Autonomia. Ainda de acordo com Póvoa (2004), durante esse período a população da Comarca foi formada principalmente por pecuaristas brasileiros que lutavam pelos direitos de uma melhor situação econômica e política para a região.

Nesse contexto, Joaquim Teotônio Segurado é designado como Ouvidor e a Vila de São João das Duas Barras, situada entre os rios Tocantins e Itacaiúnas, é escolhida como sede da Comarca do Norte. Todavia, essa localização era bastante distante e, de acordo com Teotônio Segurado, houve um surto de malária. Por conseguinte, a sede da Comarca foi transferida para São João da Palma, localizada entre os rios Paranã e Palma. (NASCIMENTO, 2019)

No cenário federal, após o rei retornar para Portugal e nomear D. Pedro I como Príncipe regente, os movimentos separatistas viram uma oportunidade de se desenvolverem mais e “fez com que os líderes passassem a agir abertamente em favor da instalação de um governo Provisório no Norte.” (PÓVOA, 2004, p. 56). O movimento expandiu-se e organizou um levante; contudo, as autoridades tomaram conhecimento e prenderam os líderes em uma tentativa de encerrar o movimento. Apesar desse acontecimento, a ideologia do movimento separatista continuou a ser difundida e foi retomada pelo Desembargador Joaquim Teotônio Segurado, que alega que a região norte estava abandonada em termos administrativos e sem representação política.

Durante o governo de Getúlio Vargas, surge outra personalidade significativa para o movimento separatista e emancipatório do norte do Goiás, o Coronel aviador Brigadeiro Lysias Augusto Rodrigues, que construiu campos de pouso e inaugurou a rota aérea Rio de Janeiro-Belém, responsável pela integração do norte ao Estado de Goiás, também participou do esforço pela construção da Rodovia Transbrasiliana, que hoje equivale a BR-153 (Belém-Brasília) (PÓVOA, 2004). O Coronel Lysias Augusto Rodrigues, foi responsável por enviar uma proposta de criação do Estado do Tocantins para a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, na qual Getúlio Vargas foi adepto, porém foi destituído antes que pudesse pôr em prática.

A partir dessa conjuntura, o movimento separatista fortalece seus ideais de liberdade e luta pelos direitos, e com mais apoio reinicia a movimentação em busca da emancipação do Tocantins na segunda metade do século XIX. De acordo com Póvoa (2004), além da atitude do Coronel Brigadeiro Lysias Augusto Rodrigues, o deputado, Visconde de Taunay, apresentou na câmara um projeto de lei que visava a separação do norte e a criação da província de Tocantins. Ademais, ainda segundo o autor, a atitude do Juiz de Porto Nacional, Feliciano Machado Braga, de escrever um Manifesto à Nação informando sobre o descaso com a região norte do Goiás, divulgado na maioria dos jornais, repercutiu na assembleia legislativa, no meio acadêmico e fortaleceu o apoio ao movimento.

Em relação ao meio acadêmico, a luta separatista se fez presente com a participação dos jovens da Casa do Estudante do Norte Goiano (CENOG), grupo criado com intuito de auxiliar os estudantes do norte que buscavam ingressar no ensino avançado em Goiânia que teve a duração de dez anos. Conforme Póvoa (2004, p.82), “era uma sociedade civil sem fins lucrativos, de cunho eminente estudantil e de caráter cultural, político apartidário e assistencial; foi fundada em Goiânia, em 15 de maio de 1960.”. O autor destaca que, com o fim do regime militar e a chegada da democracia, surge também a Comissão Estadual dos Problemas do Norte Goiano (CONORTE), semelhante à CENOG, que teve como missão difundir os ideais separatistas e a busca pela autonomia do Tocantins por meio de discussões em congressos, encontros públicos e periódicos.

Ademais, de acordo com Nascimento (2019), outro indivíduo que desempenhou um papel imprescindível na emancipação do Tocantins, foi o deputado José Wilson Siqueira Campos, que aproveita de sua imunidade parlamentar para, juntamente ao CENOG e CONORTE, colocar na pauta do Congresso Nacional a criação do Estado do Tocantins, propondo a redivisão da Amazônia. Sendo assim, em 1985, Siqueira Campos apresentou um

projeto de lei para separação que foi aprovado no Congresso Nacional, mas foi vetado pelo presidente José Sarney.

Em função disso, Siqueira Campos, em sinal de protesto aos vetos de Sarney, realizou uma greve de fome de 98 horas na Câmara dos Deputados. Diante disso, o presidente instituiu uma Comissão Interministerial para Estudos da Redivisão Territorial do País. Com objetivo de prevenir outro veto do presidente José Sarney, a população tocantinense criou o Comitê Pró-Criação do Tocantins, que segundo Nascimento (2019), uniu partidos políticos do norte goiano e coletou 72.958 mil assinaturas para escrita de uma emenda popular, que foi entregue ao presidente e redator da Constituição.

Enfim, com a maioria dos votos na Assembleia Nacional Constituinte, pelo artigo 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, em 05 de outubro de 1988, nasceu o Estado do Tocantins, localizado no mapa como disposto na Figura 02. O artigo 13 estabelece que “É criado o Estado do Tocantins, pelo desmembramento da área descrita neste artigo, dando-se sua instalação no quadragésimo sexto dia após a eleição prevista no § 3º, mas não antes de 1º de janeiro de 1989.” (NASCIMENTO, 2019, p.47)

Figura 02 - Estado do Tocantins



Fonte: Mapasblog

Com a criação do estado, Póvoa (2004) ressalta que no dia 15 de novembro de 1988 foi realizada a primeira eleição de representantes tocantinenses no Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, sendo eleito como governador Siqueira Campos. A próxima medida foi instituir a capital, para escolha de uma cidade em que seria Sede do Estado foi levado em consideração,

principalmente, a sua localização geográfica, Então, Miracema do Norte, que possuía a localização central, foi nomeada capital provisória do Estado do Tocantins.

Após os primeiros trâmites, se iniciou as mudanças no território, sendo uma delas o decreto que alterava o nome das cidades, “cidades que possuíam as expressões ‘do Norte’ e ‘de Goiás’, que passaram a ser ‘do Tocantins. [...] Miracema do Norte passou a ser Miracema do Tocantins.” (PÓVOA, 2004, p. 105)

Póvoa (2004) acrescenta que, embora tenha optado por Miracema como a capital do Estado, a intenção era construir uma cidade que se tornaria a sede definitiva. Assim, no planejamento da construção da capital de Tocantins, o governo precisava escolher uma localização entre quatro áreas: Carmo, Santa Luzia, Canela e Manguês, a região do Canela foi escolhida. O próximo passo se consistiu em selecionar os arquitetos responsáveis pelo planejamento da cidade, eles propuseram "a criação de uma cidade com espaços amplos, bem distribuídos, totalmente alinhada aos meus princípios ambientais, onde os habitantes possam desfrutar do conforto oferecido pela vida moderna, em harmonia com a natureza, sem causar danos ao meio ambiente" (PÓVOA, 2004, p.118). Em seguida, procedeu-se à definição do nome, que foi influenciado pela grande variedade de palmeiras características da região e em homenagem à antiga Comarca de São João da Palma, optando-se por Palmas como denominação.

Finalizada a construção da cidade, a transferência da capital de Miracema para Palmas ocorreu no dia 01 de janeiro de 1990, a inauguração ocorreu na Praça dos Girassóis, nesse ínterim, o deputado Raimundo Nonato Pires dos Santos, presidente da Assembleia Legislativa, declara ao ler o ato:

[...] o parágrafo 1 do artigo 3 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da carta Magna Estadual e tendo em vista as medidas que tornam efetivas a instalação dos poderes legislativo, executivo e judiciário nesta cidade, na qualidade de chefe do poder legislativo, declaro instalada a capital do Tocantins em Palmas. (NASCIMENTO, 2020, p.20)

Atualmente, de acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado no ano de 2022, o Tocantins conta com uma área de 277.423,627km², colocando-o na décima posição do ranking territorial entre todos os estados, com total de 1.511.460 habitantes, ocupando o vigésimo quarto lugar no ranking populacional entre as 27 unidades da federação. A região abriga dois Biomas, o Cerrado e a Amazônia, sendo o primeiro responsável por ocupar 87,8% do seu território.

Acerca da cultura, a região possui uma vasta área natural e isso é representado por meio de símbolos que se tornam parte de uma identidade da região. Neste trabalho, é estudado a língua, mais precisamente o léxico, como uma identidade cultural da região tocaninense. De acordo com Nascimento (2019), o Tocantins possui símbolos pátrios e símbolos naturais, os naturais são a Pedra Granada (representando os minerais), a flor Girassol (símbolo do Estado, é cultivada nas praças e avenidas da capital), a árvore Fava-de-bolota (*Parkia platycephala*, concentrada na Região Norte), o pássaro Arara-Amarela (também chamada de Arara-Canindé) e a Rolinha Fogo-Apagou (*Scarfadafella squammata*). Já os símbolos pátrios são a Bandeira, Brasão ou Selo, o Hino Oficial e o Hino Popular.

A bandeira do Tocantins, apresentada na Figura 03, instituída através da Lei N 94/89, de 17/11/1989, pode ser interpretada como a faixa superior, de cor azul, representando os mananciais de água da região; ao centro, a faixa branca simboliza a paz; a faixa inferior, de cor amarela, representa o solo rico e abundante do Tocantins; e ao centro, o sol representa a mensagem de que o sol nasce para todos.

Figura 03 - Bandeira do Tocantins



Fonte: Imagepng.org

Para Nascimento (2019) um dos símbolos do estado é o Brasão ou Selo do Estado, instituído através da Lei 92/89, de 17/11/1989, a mensagem no brasão "CO YVY ORE RETAMA" significa "Esta terra é nossa" em tupi-guarani. Analisando os significados, a estrela amarelo-ouro, com bordadura azul, representa o Estado do Tocantins como uma das unidades da Federação Brasileira; o sol amarelo, do qual se vê apenas a metade despontando no horizonte, significa o sonho de emancipação do Estado. O ângulo em azul, representa a confluência dos rios Araguaia e Tocantins. A faixa amarela, assim como na bandeira, significa o solo tocaninense. A cor branca, ao centro, também significa a paz. Sob o escudo, um listel

de azul com a inscrição "Estado do Tocantins" e a data de sua instalação "1º de janeiro de 1989" em letras brancas. Os ramos representam uma coroa de louro, significa uma justa homenagem e reconhecimento ao valor dos tocaninenses, nos esforços durante o processo emancipatório.

O símbolo do Hino Oficial instituído pela Lei 977, de 30 de abril de 1998, possui a letra composta por José Liberato Costa Póvoa e música por Abiezer Alves da Rocha. O Hino Popular foi instituído pela Lei nº 1.367, de 31 de dezembro de 2002 e a letra composta por Genésio Tocantins Sampaio Filho, conforme Nascimento (2019).

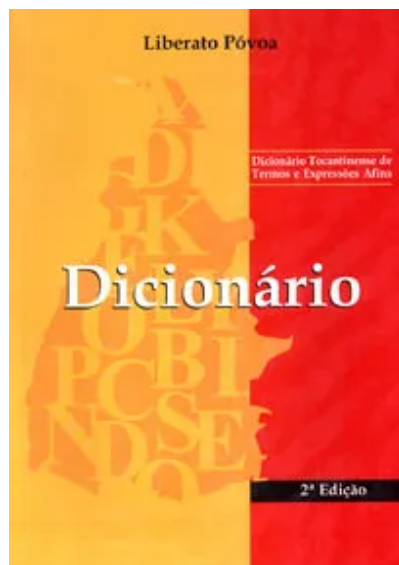
Além disso, o Tocantins conta com bens culturais reconhecidos e tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entre eles estão, segundo Nascimento (2019), o conjunto arquitetônico de Natividade, tombado em 1987; o Núcleo Histórico de Porto Nacional, tombado em 2008; Ritxoko (bonecos de cerâmica produzidas pela comunidade Karajá), tombado em 2012; entre outros diversos bens materiais e imateriais produzidos por todo o Estado.

Ainda conforme com Nascimento (2019), a culinária típica, representa toda a população do Estado, misturando diversas culturas e ingredientes, possui grande influência indígena, portuguesa e africana, usando como bases da maioria dos pratos a farinha, o arroz, o pescado, carne, frutas regionais e bolos. Acerca do artesanato, em consonância com o autor, a principal referência são objetos produzidos com o Capim-dourado, além deles também são produzidos com as fibras de plantas nativas do Estado, como buriti e babaçu, com sementes do cerrado, como jatobá e baru, com a palha do milho, a cerâmica, os cristais e o ouro. Outro traço cultural são as manifestações, assim como a culinária, herdadas da miscigenação que compõem a região, entre elas estão: a Festa do Divino Espírito Santo, a Folia de Reis, Romaria do Bonfim, Festa das Almas Santas Benditas, Roda de São Gonçalo, Cavalhadas, Jiquitaia, Súcia, Congada, Caçada, Entrudo, Marcha dos Muladeiros, Festa da Manga e Festa da Colheita.

2.2 Dicionário Tocantinense de Liberato Póvoa

Na elaboração desta pesquisa, foi utilizado, principalmente, como fonte bibliográfica de estudo o Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins, ilustrado na Figura 04, escrito por José Liberato Costa Póvoa em 2002, para prosseguimento do estudo, foram utilizados palavras e expressões tocaninenses retirados deste dicionário, conforme a imagem de capa apresentada seguir.

Figura 04 - Dicionário Tocantinense de Liberato Póvoa



Fonte: pesobruuto.wordpress

De acordo com Póvoa (2002), ao observar a mudança que ocorre com uma língua ao longo do tempo e do espaço, podemos constatar que a língua portuguesa tem suas raízes no latim, com maior ênfase no latim vulgar, e apresenta palavras provenientes de diversas línguas devido à influência das correntes de migrações. Além da mesclagem com o indigenismo, que permitiu o desenvolvimento livre da língua e ocasionou divergência na fonética e semântica em relação ao português de Portugal. Da mesma maneira que a transformação do latim resultou na formação da língua portuguesa, é possível observar na linguagem popular e regionalista as mesmas alterações, o que, ainda segundo o autor, revela uma propensão ao surgimento de metaplasmos, mudanças fonéticas das palavras devido a evolução do Latim para o Português, que são a supressão, acréscimo, transposição e transformação.

No Dicionário Tocantinense (2002), é proposta uma linguagem coloquial, com a supressão de letras e de sílabas, cometendo os fenômenos de aférese, síncope, apócope, prótese, epêntese, paragoge, metátese, assimilação, palatização e ditongação. Para sua produção, Póvoa (2002) buscou desvendar as razões e origens do fenômeno linguístico dentro de um contexto histórico-geográfico específico e pontua que, ao elaborá-lo, tinha a intenção de contribuir para o regionalismo brasileiro e preservar o linguajar tocantinense.

Liberato Póvoa (2002) nasceu em Dianópolis, em 12 de abril de 1944 e faleceu em 25 de novembro de 2019. Coursou Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, também exerceu relevantes cargos no então Ministério da Educação e Cultura, em Brasília, em Belo Horizonte, na Escola Técnica Federal de Minas Gerais e no Centro Federal

de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Pertenceu ao Conselho de Cultura do Estado do Tocantins, foi desembargador, Vice-Presidente e Presidente do Tribunal de Justiça e do Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Tocantins, tendo exercido a Governadoria do Estado em 1990. Também foi o primeiro Presidente da Academia Tocantinense de Letras e é autor da letra do Hino do Tocantins. Póvoa contribuiu para a constituição da cultura do estado do Tocantins, escreveu diversas obras como dicionários, contos, novelas infanto-juvenis, hinos, livros jurídicos e vade-mécum, todos valorizando o regionalismo, a composição e cultura do estado.

É imprescindível destacar que a linguagem tocaninense, assim como a língua portuguesa, é abundante em metáforas, jogo de palavras, onomatopeias configuradas em verbos ou substantivos e na adjetivação. Póvoa (2002) pondera que, concepção indispensável na proposta deste trabalho, o linguajar tocaninense se assemelha ao linguajar do Nordeste, do Norte, e do Centro-Oeste, (de onde foi desmembrado). Dessa maneira, é evidente que certas palavras e expressões não são exclusividade do linguajar tocaninense, principalmente com o surgimento dos meios de comunicação e da tecnologia, que, com a globalização, levaram ao conhecimento expressões comuns usadas frequentemente nas mais diversas regiões. No entanto, não altera o fato de que fazem parte do léxico tocaninense e que representam um aspecto da sua cultura.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Nesta seção, serão expostos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a realização deste trabalho, que tem como objetivo compreender as origens, os significados e as motivações para o uso das palavras e expressões tocantinenses. Nesse sentido, buscando relacioná-los com o contexto sociocultural e histórico do estado do Tocantins, além da apresentação dos processos de desenvolvimento que ocorrerão no fazer da monografia. Com isso, será explicada a escolha do método, abordagem, procedimento, objetivo e finalidade do estudo, embasados nas pesquisas de Gerhardt e Silveira (2009) e Souza (2009).

Segundo Souza (2009), a pesquisa de natureza básica tem como objetivo gerar conhecimentos novos, sendo úteis para o avanço da ciência e sem aplicação prática prevista. Nesse sentido, o presente trabalho se faz de natureza básica, uma vez que tem como objetivo gerar conhecimentos novos acerca da língua e sua interface com a cultura do estado do Tocantins. Além de ser desenvolvida e fundamentada com procedimentos bibliográficos e documentais, sendo que, entre os documentos utilizados para a seleção e análise das palavras o principal é o Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins, escrito por Liberato Póvoa em 2002. Desse dicionário, foram retiradas as palavras que foram analisadas neste trabalho, ademais, também foram utilizados livros, materiais disponíveis na internet, artigos, monografias, entre outros registros que serviram de base para respaldar o Trabalho de Conclusão de Curso.

Também foram manuseadas obras que apresentam o registro detalhado do contexto sócio-histórico, político e geográfico do estado do Tocantins, desde a povoação do estado de Goiás pela exploração metais preciosos, os movimentos separatistas devido ao descaso com a região Norte de Goiás, até a construção de Palmas e constituição de sua cultura. Para isso foram utilizados os autores Palacin (1994), Nascimento (2019 e 2020), Parente (2007) e Póvoa (2004), que possuem a área de estudo voltada para cultura, história e geografia dos estados de Goiás e Tocantins.

Inicialmente, reúnem-se conceitos referentes ao léxico, léxico do português brasileiro, a relação entre língua e cultura e como isso atua na formação de uma identidade. Foram utilizados aspectos instituídos por teóricos que desenvolvem pesquisas acerca do assunto, são eles: Terry Eagleton (2005), Aldo Vannucchi (1999) e Biderman (1996), que estudam sobre o que é cultura e suas implicações na sociedade; para abordar a questão da identidade: Stuart Hall (2006), Cuche (1999) e Silva (2012); no léxico e léxico do português brasileiro foram

baseados nos estudos de Biderman (1996), Dias (2016), Paula (2006), Faria (2017) e Petter (1955); no que se refere à língua e a linguagem: Biderman (2001), Ilari e Basso (2014), Horta Nunes(2002) e Vilela (1997). Dessa forma, o intuito foi evidenciar as influências de processos estruturais e históricos relacionados às escolhas de determinadas palavras e expressões, assim como o progresso e as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Diante disso, a pesquisa foi realizada com uma abordagem qualitativa, visto que se buscou a compreensão das palavras empregadas por pessoas tocantinenses e suas motivações de uso. Nesse sentido, o objeto foi analisar a dinâmica da relação entre a cultura e a língua e como as palavras e termos constituem a identidade cultural do Tocantins. Ademais, foi realizada uma pesquisa explicativa, uma vez que o estudo buscou verificar e analisar as causas e motivações que colaboram para o uso de palavras e termos regionais. Nesse aspecto, a análise foi descrita buscando interpretar os significados dos léxicos a partir do seu uso, modo de uso, história e etimologia. Isso incluiu a retomada histórica das motivações e origens que influenciaram essas palavras e expressões.

Sendo assim, após esse estudo bibliográfico inicial, foi realizada a coleta das palavras e expressões a serem analisadas. As palavras e expressões partiram da escolha pessoal da pesquisadora, como cidadã tocantinense, que observou essas palavras e expressões em práticas de comunicação de suas vivências. A partir disso, confirmou-se essas palavras no Dicionário Tocantinense (2002), que foi a principal fonte de pesquisa. Sendo assim, posteriormente, é verificado se tais palavras e expressões são empregadas por outras pessoas tocantinenses, nesse caso, usuários do Instagram em seu contexto de comunicação habitual. A pesquisa foi pautada apropriando-se, em parte, dos dados de uma pesquisa anterior (ainda não divulgada) desenvolvida pela acadêmica no âmbito da disciplina de semântica do curso de Licenciatura em Letras sobre o Léxico do Tocantins. Essa sondagem tem o objetivo de compreender se essas palavras ainda são utilizadas cotidianamente ou são específicas de um público mais velho.

Essas palavras e expressões fizeram parte de uma sondagem por meio de uma enquete online na plataforma digital Instagram. A enquete é um método de pesquisa que possui respostas definidas e coleta informações imediatas de um grupo de pessoas sem contato direto. Essa ferramenta foi escolhida por ser uma possibilidade de coleta de dados de forma clara, rápida e eficiente, visto que dispõe de opções de resposta definidas e disponibiliza o resultado em tempo real, além de ser possível realizar a análise em forma de tabela.

Através da enquete foram feitos questionamentos a fim de confirmar se as palavras coletadas são utilizadas pelos falantes tocantinenses em contextos comuns da fala. Na ocasião

foi solicitado aos usuários que respondessem com a condição de residir no estado há mais de 10 anos. Essa pesquisa foi realizada no dia 12 de dezembro de 2022 no perfil da acadêmica, um total de 100 usuários responderam. Na sondagem, foi apresentada uma palavra ou expressão por vez e disponibilizada três opções de respostas, sendo elas: 1 - Você conhece essa palavra e a usa habitualmente?; 2 - Você conhece essa palavra, mas não a usa habitualmente?; 3 - Você não conhece essa palavra? Por meio dessa ferramenta, pesquisam-se coletivamente as palavras e expressões selecionadas previamente e constata-se o uso ou não delas pelas pessoas que residem no estado.

Posteriormente, para análise dos dados e classificação, reúnem-se todas as palavras e expressões selecionadas e verificam-se, quais os seus significados e sua origem. Para tanto, foram realizadas consultas no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa de Antônio Houaiss (1986), no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antenor Nascentes (1955) e no Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque Ferreira (2009).

Após a coleta e a sondagem, as palavras foram analisadas e organizadas em forma de quadro para interpretação. O Quadro 01 - Unidades Lexicais do Dicionário Tocantinense (2002), teve a função de descrever as palavras e qual o significado delas de acordo com o Dicionário Tocantinense. No Quadro 03 - Análise das Expressões Tocantinenses, possui a mesma base do Quadro 01 e as mesmas funções, porém analisando as expressões. Nos Quadros 02 e 04 - Dados da sondagem realizada pela plataforma virtual Instagram constam a distribuição do resultado obtido pela pesquisa de cada palavra ou expressão, sendo disposta a palavra ou expressão e a porcentagem de pessoas que conhecem e usam, pessoas que conhecem, mas não usam e pessoas que não conhecem.

A posteriori, procede-se à análise etimológica e semântica, desse modo, a análise inclui a exposição e exame dos dados, com o propósito de analisar as palavras de acordo com sua origem e significado. Além disso, ocorre a discussão dos dados para expor as possíveis motivações de uso e contribuições dessas palavras para a formação de uma identidade cultural do estado do Tocantins. Por fim, apresenta-se uma discussão teórica com base nos procedimentos bibliográficos adotados para este estudo e nos dados analisados.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo, será realizada a análise das palavras e expressões tocantinenses coletadas, de acordo com sua origem, contexto histórico, significado e provável formação. Além da discussão dos dados e análise da relação dos fatores socioculturais e históricos que motivam a utilização dessas palavras pela população. Também será analisado de forma geral os termos e expressões de acordo com a fundamentação teórica através da interpretação dos significados dicionarizados e contextos de uso dessas palavras, visando verificar se a identidade cultural do Tocantins pode ser reconhecida pela língua por meio da variedade lexical.

4.1 Análise das palavras

Referente à análise, inicialmente foi realizada a seleção das palavras e expressões tocantinenses que seriam analisadas e sua disposição no Quadro 01 - Unidades lexicais do Dicionário Tocantinense (2002), o critério utilizado para coleta partiu de uma escolha pessoal da acadêmica com base em suas vivências como cidadã tocantinense. Sendo assim, foram selecionadas sete palavras (*bucho*, *esbagaçar*, *canguinho*, *cofo*, *denço*, *estúrdia* e *merma*) e três expressões (*boca do estômago*, *cheio de nove horas* e *mão na roda*).

Após a seleção, foi realizada a análise e discussão dos resultados, o Quadro - 01 apresenta as unidades lexicais e o significado de acordo com o Dicionário Tocantinense (2002). Posteriormente, a análise de cada palavra, com o contexto de uso e, ao final, a discussão dos resultados obtidos.

Quadro 01 - Unidades lexicais do Dicionário Tocantinense (2002)

Unidade lexical	Dicionário Tocantinense
Termo 1. BUCHO (s.)	estômago de animal; barriga; mulher feia e mal arrumada.
Termo 2. CANGUINHO(s.)	avarento; pão-duro; rídico.

Termo 3. COFO (s.)	espécie de sacola rústica arredondada feita de palha de buriti, utilizada para transportar ovos e frutas; xiconã.
Termo 4. DENGO (s.)	manha (de criança); melindre; demência.
Termo 5. ESBAGAÇAR (v.)	triturar; transformar em bagaço; moer.
Termo 6. MERMA (s.)	(pronuncia-se mérma) doença; feitiço.
Termo 7. ISTURDIA (adv.)	dias atrás; estes dias; outro dia.

Fonte: Póvoa (2002)

Termo 1. Bucho

“Meu bucho está doendo.”

Possui duas vertentes de significação, de acordo com o Dicionário Tocantinense (2002), pode se referir a barriga ou a mulher “feia”. Porém, no Dicionário Aurélio (2009) e Houaiss (1986) a palavra dispõe de outros significados, como estômago dos mamíferos e dos peixes, chapéu de frade, prostituta, armação para pesca da sardinha e atum, bojo que fica depois da boca de entrada onde o peixe fica preso na amarração para pesca. O termo possui variados significados, e é utilizado em cada região de acordo com o que lhe é necessário em cada contexto de uso, na região do Tocantins a palavra *bucho* se refere à barriga ou estômago. No que se refere à origem da palavra, segundo Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes (1955), deriva do latim *musculu*, que significa músculo, e deu origem a abreviação *mucho*, em situações rotineiras de fala houve a troca das letras labiais M por B e a palavra se transformou em *bucho*. O significado original se referia a parte carnosa da coxa (pois *muslo* significava coxa), ou seja, a barriga da perna.

Termo 2. Canguinho

“Não seja canguinho, compre roupas!”

Canguinho também possui mais de um significado e não há certeza sobre sua origem. Segundo Dicionário Houaiss (1986), a palavra *Canguinho* deriva da etimologia entre a junção do radical *canga-* com o sufixo *-inho*. Referente ao radical *canga* há diferentes teorias sobre sua origem, como ter surgido do Quicongo - *kanga* - que significa amarrar, prender e capturar ou de origem Tupi - *kanga* - e significar osso ou suporte forte. A interpretação do Dicionário Houaiss sobre a palavra *canga* é, além desses significados, armação de madeira sobre os telhados e madeira que liga os bois pelo pescoço. Possivelmente, assim como o radical da palavra *canga* de origem do Quicongo, *canguinho* pode se referir a uma pessoa que prende ou segura alguma coisa, no caso do termo utilizado no Tocantins, segura dinheiro. Com as modificações e evoluções, a palavra atual *canguinho* se encontra como um adjetivo que se refere a pessoa avarenta, pão duro ou rídico, ou seja, pessoa que dá muito valor ao dinheiro, a bens materiais e não gosta de gastar ou ser generoso. Para a região norte, a palavra *canguinho* representa uma pessoa que não gosta de gastar dinheiro.

Termo 3. Cofó

“Traga o cofó para guardar os ovos.”

Cofó, segundo o Dicionário Tocantinense (2002), corresponde a uma espécie de sacola arredondada produzida com palha, no caso da região tocaninense é feita com palha de buruti, fruto típico da região. O termo *cofo* possui origem árabe, a palavra original, de acordo com o Dicionário Etimológico de Nascentes (1955), é *kuffa* e significa cesto de origem grega. Provavelmente por conta do material fornecido no Brasil, mais precisamente na região norte, que os cestos começaram a ser produzidos com palha. No Dicionário Aurélio (2009) a palavra *cofo* possui outros significados que destoam de bolsa ou cesto, se referem a um tipiti (espremedor de palha trançada usado para escorrer e secar raízes) de comprimento superior ao comum, sapato para agasalho ou até uma espécie de escudo persa. Segundo o Dicionário Houaiss (1986), a etimologia da palavra *cofo* tem origem do antigo *cofinho*, latim *cophinus* 'cesto' e este do grego *kóphinos* 'cestinha de flores', no português medieval provavelmente o vocábulo foi adepto ao diminutivo e se tornado paroxítono, reduzindo a *cofo*, que seria forma divergente de cofre. Para região norte é utilizada com o sentido de bolsa ou cesto.

Termo 4. Dengo

“Essa criança está com dengo.”

É conhecido pelo Dicionário Tocantinense (2002) como manha de criança, melindre ou demência. Nos Dicionários Houaiss (1986), Etimológico de Nascentes (1955) e Aurélio (2009) não se apresenta diretamente a palavra *dengo* ou sua significação, a palavra em comum que pode ocorrer o significado que os tocantinenses utilizam aparece nesses dicionários como a palavra *dengue*, que pode representar tanto a doença infecciosa de origem viral transmitida pelo mosquito *aedes aegypti*, quanto melindre, fazer trejeitos afetados com o rosto ou manha de criança. Isso devido sua origem ser, segundo Dicionário Houaiss (1986), do Quimbundo - *Ndenge* - que significa criança, recém-nascido e choradeira, ou seja, criança que chora é criança com manha. Em contrapartida, para o Dicionário Etimológico (1955), a palavra *dengue* é de origem americana, foi introduzida na Europa pelos espanhóis e significa melindre ou mulheril. Para os tocantinenses a utilização da palavra *dengo* se assemelha ao sentido da palavra de origem do Quimbundo, que significa manha infantil.

Termo 5. Esbagaçar

“A Joana esbagaçou o seu celular.”

Essa palavra foi encontrada no Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes (1955), como uma derivação da palavra *bagaço*, que é a junção do radical *baga-* com o sufixo *-aço*, e *baga* deriva do latim *bacha* ou do espanhol *baga*, que seria cápsulas. Então a palavra *esbagaçar*, segundo Dicionário Houaiss (1986) e Aurélio (2009) é formada através da derivação parassintética onde ocorre a junção do prefixo *es-* + radical *-bagaço-* + sufixo *-ar*, e ambos significam reduzir a bagaços, a cacos, despedaçar, arrebentar, espatifar ou dissipar. O termo *bagaço*, na região norte assume a interpretação de triturar, despedaçar ou transformar em bagaço.

Termo 6. Merma

“Maria está com uma merma.” ou “Maria fez uma merma.”

Merma (pronuncia-se mérma) de acordo com o Dicionário Aurélio (2009), deriva do espanhol e se refere a quantidade que se perde no peso de uma mercadoria ou de outra coisa, ou seja, diminuição, perda. Ainda de acordo, no Dicionário Houaiss (1986) a palavra indica ato ou efeito de mermar, decréscimo, diminuição. Apesar disso, o significado apontado pelo Dicionário Tocantinense (2002), que é usado pelas pessoas da região, diverge totalmente dos outros dicionários analisados, a palavra *merma* se refere a doença ou feitiço. Esse é o mesmo caso que ocorreu com a palavra *canguinho*, nos demais dicionários possuem um significado diferente do usado pelas pessoas da região e que está no Dicionário Tocantinense (2002).

Termo 7. Isturdia

“Ele viajou isturdia.”

Isturdia significa dias atrás ou estes dias. Essa palavra não foi encontrada em nenhum dicionário usado para análise das palavras. Porém, percebe-se, pelo seu significado no Dicionário Tocantinense (2002), que a palavra se originou da junção entre duas outras: esses/estes e dia, por meio do processo de composição nomeado de aglutinação, em que dois termos se unem e algum deles sofre uma modificação. Então *-Esses/estes* passou a ser *-Istu + dia* que formou a palavra *isturdia*.

Sendo assim, com o apoio da pesquisa e análise das palavras pode-se inferir que o léxico constitui uma parte integrante e essencial da cultura e da história de uma comunidade, proporcionando aos membros se comunicarem e estabelecerem relações entre si. Por intermédio da cultura podemos identificar e compreender o funcionamento da sociedade. A partir disso, é possível observar através das palavras a dinâmica desse grupo social, que se constitui uma identidade cultural tocantinense. Com base na análise dessas palavras constata-se que o léxico da comunidade tocantinense é a consequência das suas relações sociais, regras, tradições, necessidades e convenções. Contribuindo para formação de um léxico próprio, uma vez que o léxico é uma forma de transmitir e registrar o conjunto social e cultural que a sociedade acumulou ao longo de sua história.

Durante a análise, verificou-se que algumas palavras utilizadas pelos tocantinenses possuem significados distintos em cada dicionário pesquisado, em alguns casos não possuía a palavra em si, nesse caso foram analisadas variantes com mesmo significado. Esse fenômeno ocorre devido ao léxico e a sociedade estarem em movimento, em constante mudança, acompanhando as evoluções socioculturais, criando novos significados ou reformulando os

existentes de acordo com a realidade de cada região.

As palavras se cristalizam em cada comunidade dependendo da época de uma maneira diferente, uma vez que a língua se adapta às necessidades de comunicação dos falantes e o contexto sociocultural a que estão envolvidos. Também foi possível notar de maneira evidente a influência de línguas de outros idiomas na constituição do léxico tocantinense, como Árabe, Latim, Quimbundo, Quicongo e Tupi, que condiz com o traço da miscigenação na qual o país é formado.

Esses resultados confirmam a hipótese de que o léxico tocantinense está marcado por traços de outras línguas, que constituem e evidenciam a identidade linguística e cultural da região nas práticas sociais de comunicação, ratificando a teoria feita por Faria (2017), de que a língua utilizada por uma comunidade de fala é influenciada pelos indivíduos que a compõem, pois esses costumam se organizar de acordo com traços que têm em comum.

Após a realização da análise e discussão das palavras, é verificado através do Quadro 02 os resultados da sondagem realizada em formato de enquete na plataforma digital Instagram, se as palavras coletadas são utilizadas pelos falantes tocantinenses em contextos comuns da fala.

Quadro 02 - Pesquisa de sondagem realizada pela plataforma virtual Instagram

	Pessoas que conhecem e usam	Pessoas que conhecem mas não usam	Pessoas que não conhecem
Bucho	83%	11%	7%
Esbagaçar	74%	22%	4%
Canguinho	11%	27%	62%
Cofo	9%	11%	80%
Dengo	71%	27%	2%
Isturdia	24%	28%	48%
Merma	54%	30%	15%

Fonte: autoria própria

Conforme o Quadro 02, observa-se a partir dos resultados obtidos com a sondagem que a utilização ou não das palavras possuem uma grande variação, enquanto a palavra *Bucho* é utilizada por 83% dos usuários que responderam a enquete, a palavra *Cofô* é desconhecida por 80%, o mesmo acontece com as palavras *Esbagaçar* e *Canguinho*. No entanto, pode-se inferir que a quantidade em termos percentuais das pessoas que conhecem as palavras é maior que a parcela das pessoas que não conhecem. Portanto, fica evidente que o Tocantins possui um léxico e que adquirir uma língua nos permite nos integrar uma sociedade envolvida em um exercício conjunto por meio do uso de particularidades de comunicação compartilhadas.

É importante pontuar que a palavra *merma* possui três pronúncias, cada uma com significados diferentes, sendo proferida como *mérma*, palavra analisada nesta pesquisa e possui o sentido de doença ou feitiço; *merma* que seria a palavra mesma, porém na pronúncia ocorre a troca das letras S por R, e *mermã* que possui a noção de minha irmã, porém com a junção composta por aglutinação. Não é possível confirmar se na realização da enquete os usuários identificaram *merma* com o sentido proposto na sondagem e disponível no Dicionário Tocantinense (2002).

Cerca de 40% das palavras possuem maior número de pessoas que as utilizam, sendo *Bucho*, *Esbagaçar* e *Dengo* atingindo a maior porcentagem. Apenas as palavras *Cofô* e *Canguinho* atingiram mais de 50% de desconhecimento entre os usuários. Há uma média de 11% a 30% de palavras que são conhecidas, porém não são utilizadas pelas pessoas em suas situações comuns de fala. Possivelmente isso se dá ao fato, citado anteriormente, de a língua estar em constante evolução, sendo essas palavras retiradas do Dicionário Tocantinense de Póvoa, escrito há mais de 20 anos, podem ser específicas daquela época e que atualmente estão entrando em desuso. Com esses dados podemos perceber que há um contraste entre o uso e o desconhecimento das palavras, é fato a maioria do público usuário da plataforma digital Instagram são jovens que possivelmente tiveram contato com essas palavras por gerações anteriores, nesse caso, pode-se compreender que estão iniciando o processo de desuso dessas palavras e substituindo por outras palavras.

Sendo assim, é imprescindível destacar o fato de que os aspectos citados podem sofrer mutações, uma vez que a sociedade e a língua são dinâmica e estão em constante desenvolvimento, confirmando o pressuposto de Biderman (1996), quando afirma que o léxico está em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, e nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização.

4.2 Análise das expressões

A análise das expressões e seus significados foram organizadas no Quadro 03.

Quadro 03 - Expressões do Dicionário Tocantinense (2002)

Expressão	Dicionário Tocantinense
Termo 1. BOCA-DO-ESTÔMAGO (s.)	epigastro; parte do tórax que limita com o abdômen e que fica logo abaixo do osso esterno.
Termo 2. CHEIO DE NOVE-HORAS (exp.)	enjoado; chato; pernóstico; cheio de bosta-de galinha.
Termo 3. MÃO-NA-RODA (exp.)	fato; ajuda; providência.

Fonte: Póvoa (2002)

Em relação a análise das expressões, não foram encontrados nos Dicionários Aurélio (2009), Houaiss (1986) e Etimológico de Nascentes (1955) os significados, origem ou motivação de criação das palavras. Sendo assim, foi realizada uma análise de acordo com os processos históricos que possivelmente foram responsáveis pela junção dessas palavras e criação desses significados.

Termo 1. Boca do Estômago

“Estou com uma dor na boca do estômago.”

Boca do estômago, utilizado pelos tocantinenses para se referir ao epigastro, que é a parte superior do abdômen abaixo do tórax. Essa expressão possivelmente se originou pelo processo de catacrese, que segundo Bechara (2009) é a aplicação de um termo por esquecimento etimológico, produtos correntes da translação de significado, ou seja, é uma figura de linguagem que ocorre quando não se possui outro termo para designar algo, então a palavra perde seu sentido original. A catacrese também se utiliza pela semelhança a forma de

um objeto, como no caso de *cabeça do prego* e *dente de alho*, dessa forma, a expressão *Boca do estômago* foi assim nomeada por não haver outra palavra para designar a parte superior do abdômen e se assemelhar com a boca por ser o início, onde entra a comida.

Termo 2. Cheio de Nove Horas

“Marcos é uma pessoa cheia de nove horas.”

Cheio de Nove Horas, é usado na região, assim como colocado pelo Dicionário Tocantinense (2002), para representar uma pessoa enjoada, (em relação ao comportamento, e não no sentido dicionarizado de sentir enjoo), exigente ou meticulosa. Segundo Cascudo (2004), é provável que a sua origem tenha surgido durante o século XIX, quando Manuel do Nascimento Castro e Silva, presidente da província do Rio Grande do Norte, instituiu um toque de recolher no Brasil, que também era responsável por regular o horário de visita e o horário que não se podia estar fora de casa, dessa forma, era preciso ser meticuloso e estar em casa exatamente às 9 horas, ou estariam sujeitos a opressão da polícia. Sendo assim, como essa era uma exigência que não havia alteração e que impunha limites à população, as pessoas que são extremamente rígidas, inflexíveis e exigentes recebem o apelido de “*cheio de nove-horas*”.

Termo 3. Mão na Roda

“Esse emprego surgiu agora como uma mão na roda.”

Por fim, *Mão na Roda*, também é uma expressão utilizada pelos tocantinenses, e possui o sentido de grande ajuda ou que é indispensável para o exercício de alguma atividade. A utilização dessas duas palavras com o sentido de ajuda pode ser entendida, analisando o aspecto histórico dos carros, de acordo com o site Meus Dicionários (2016), antes da criação de carros a motor os veículos de transporte era movidos por tração animal e chamadas de carroças, durante aquele período nas estradas de terra era comum que as rodas das carroças atolassem e os animais não terem força para puxar. Sendo assim, era necessário pedir ajuda a outras pessoas para empurrar a carroça, e para isso as pessoas seguravam as rodas com as

mãos e faziam força para girá-las, logo, esse ato de colocar a mão na roda adquiriu o sentido de ajuda.

Diante dessas considerações, conclui-se que os processos de formação dessas expressões foram motivados por acontecimentos históricos, situações corriqueiras, processos de assimilação e até mesmo convenção social sobre o significado. Sendo assim, essas expressões, mesmo que não façam parte da realidade atual perpetuam na sociedade e ainda são usadas com o mesmo sentido e significado. Esses processos são denominados de cristalização, essas expressões se tornam parte da cultura, que se apoia e se desenvolve em uma identidade, assim como respaldado por Biderman (2001), pois apesar da constante mudança da língua de acordo com a evolução dos usuários, algumas palavras permanecem em uso, essas palavras se cristalizam nesses grupos e corroboram para a formação de uma identidade.

Sendo assim, foi realizada a sondagem das expressões e obtido os resultados postos no Quadro 04.

Quadro 04 - Pesquisa de sondagem realizada pela plataforma virtual Instagram

	Pessoas que conhecem e usam	Pessoas que conhecem mas não usam	Pessoas que não conhecem
Boca do estômago	51%	44%	4%
Cheio de nove-horas	46%	43%	11%
Mão na roda	42%	51%	7%

Fonte: autoria própria

Com os resultados obtidos na sondagem das expressões, o Quadro 04 apresenta uma porcentagem similar de pessoas que conhecem e usam e pessoas que conhecem, mas não usam, de 42% a 51%, sendo apenas uma pequena porcentagem de pessoas que não conhecem. Com os resultados desse quadro é notável que está ocorrendo o processo de desuso dessas expressões pelas pessoas que residem no estado, com uma quantidade significativa de pessoas que não utilizam mais, mesmo conhecendo-as. É provável que outras expressões estejam surgindo à medida que essas deixam de ser usadas.

Diante disso, é essencial pontuar que o léxico não é algo inalterável ou definitivo, mas variável, fluido e suscetível a agregar novos vocábulos, bem como se desprender de outros de acordo com o uso dessas palavras pela comunidade de fala. Com isso, podemos colocar que a linguagem também é uma maneira de caracterizar e de identificar uma comunidade. Segundo Biderman (2001), o conjunto dos léxicos de uma língua é o reflexo de todas as práticas adquiridas por uma sociedade e a totalidade de sua cultura, transmitida por gerações.

Em síntese, as palavras e expressões retiradas do Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins, escrito em 2002, por Liberato Póvoa, de acordo com a verificação da enquête, estão iniciando o processo de desuso pela população tocantinense. Observa-se através da pesquisa que a quantidade de falantes das palavras é consideravelmente maior que a quantidade de falantes e conhecedores das expressões. É interessante reiterar o fato de que a língua evolui conforme a sociedade evolui, a partir do momento que as pessoas decidem não usar certas expressões outras palavras são agregadas e introduzidas pela comunidade de falantes.

Conclui-se que esse fato não reduz a importância do léxico que foi analisado e como ele contribui para identificação e cultura da região, ainda que as palavras estejam sendo substituídas, visto que a língua está em constante evolução conforme a necessidade da sociedade, elas constituem parte do acervo lexical da região do Tocantins, que eram utilizadas pela comunidade da região para se comunicarem de forma a se relacionar como coletivo. Sendo assim, essas palavras foram registradas no Dicionário Tocantinense (2002), que serviu também para reforçar a separação cultural entre o estado do Tocantins e Goiás, que iniciou, conforme Nascimento (2019), ao romper a unidade do território goiano e dividir, tanto geograficamente quanto culturalmente, a capitania em duas regiões a partir do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor o tema deste trabalho de pesquisa, constatamos que havia poucos estudos voltados para a área do léxico tocantinense. Então, considerando a importância sócio-histórica e cultural do estudo do vocabulário de uma comunidade, percebemos a necessidade de contribuir para a valorização e o reconhecimento da cultura do Estado do Tocantins. Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa foi atingido, que procurou compreender as origens, os significados e as motivações para o uso das palavras e expressões tocantinenses, relacionando-os com o contexto sociocultural e histórico do estado do Tocantins. E percebeu-se que de acordo com o pressuposto sobre cultura de Vannucchi (1999), que afirma ser a cultura um modo de viver típico, estilo de vida comum, o ser, o fazer e o agir de determinado grupo humano, o Tocantins possui uma identidade cultural.

Observa-se que os objetivos específicos iniciais estabelecidos foram atendidos, posto que se abordou sobre os termos e expressões utilizados pelos tocantinenses; se identificou os fatores socioculturais e históricos que motivam o uso dessas palavras; foi analisado os termos e expressões coletados de acordo com a fundamentação teórica; foi elucidado os significados dicionarizados e contextos de uso dessas palavras e expressões selecionadas.

A partir disso, conclui-se que a identidade cultural do Tocantins pode ser reconhecida pela linguagem através da variedade lexical, em razão da maior parte das respostas da enquête indicarem que as pessoas conhecem os vocábulos, isso aponta que possivelmente fizeram parte de suas práticas de comunicação, em contrapartida, a porcentagem de pessoas que conhecem, mas não utilizam indicam que atualmente essas palavras estão sendo substituídas. É provável que atualmente não faça parte da fala, devido às mudanças e adaptações linguísticas, mas está registrado na cultura. Ademais, se identificou que os fatores sociais que motivam o uso dessas palavras e expressões pelo povo tocantinense são de ordens distintas e estão relacionados com o contexto histórico e cultural, sendo influenciados por situações, acontecimentos históricos, necessidade de se nomear de acordo com a realidade social, processos de assimilação e convenção social sobre o significado.

Além disso, com a análise da origem das palavras foi possível notar que o vocabulário do português brasileiro incorpora palavras de outras línguas, como o Tupi, idioma falado pelos povos que habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses; do Quimbundo e Quicongo, línguas africanas, devido ao contato com os povos africanos que foram trazidos e escravizados no Brasil; e árabe, que são resultados do contato de outras línguas ainda na formação do português europeu. Portanto, se confirma a hipótese deste trabalho, de que o

vocabulário tocaninense é marcado por elementos dessas outras línguas.

Frente a essa situação, é necessário ressaltar que o léxico é de ordem aberta, ou seja, fluido, variável e propenso a incorporar novas palavras, assim como se desvincular de outras, conforme a necessidade do uso dessas palavras pela comunidade de falantes. Sendo assim, as palavras e expressões analisadas foram cristalizadas em outro período e que atualmente não correspondem mais à realidade das pessoas tocaninenses.

De acordo com a pesquisa e os resultados obtidos mediante a análise dos dados, foi possível constatar que as palavras e expressões selecionadas estão começando a cair em desuso pela população do Tocantins. Entretanto, essa ocorrência não diminui a importância das palavras e expressões analisadas e de como ele contribui para a identificação e cultura da região. Espera-se que, dessa forma, o trabalho traga contribuições pertinentes para os estudos na área da pesquisa sobre a língua do estado de Tocantins, além disso, é essencial destacar a relevância do trabalho para a construção da formação docente da acadêmica, devido a importância da semântica no ensino de língua portuguesa e cultura da região.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA DO ESTADO DO TOCANTINS. *ImagePng.Org*. 2017. Disponível em: <https://imagepng.org/bandeira-do-estado-do-tocantins/>. Acesso em: 13 out. 2023.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERD, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-23.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA**: Revista de Linguística, v. 40, 1996 - Estudos lexicológicos e lexicográficos. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107739>. Acesso em: 05 abr. 2023.
- BIDERMAN M. T. C. **O Português Brasileiro e o Português Europeu**: Identidade e contrastes. In: Revue belge de philologie et d'histoire, tome 79, fasc. 3, 2001. Langues et littératures modernes - Moderne taal- en letterkunde. p. 963-975. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_2001_num_79_3_4556. Acesso em: 19 de outubro de 2023.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BONVINI, E. **Línguas africanas e português falado no Brasil**. África no Brasil: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, p. 15-62, 2008.
- CASCUDO, L da C. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DIAS, A. L. C. **Toponímia dos primeiros lugares tocantinenses**. Goiânia, 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Unesp, 2005.
- FARIA, G. S. Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova–Minas Gerais. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. In: Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 2009. p. 2120-2120.
- FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, J. L. (Org.) **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013. p. 13-43.
- FURTADO, C. M. N. M. *et al.* **Língua - Sociedade - Cultura**: uma relação indissociável. João Pessoa: Principia, 2006

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA D. T. (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In. SILVA, Tomaz. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133. Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Objetiva Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Rio de Janeiro, 1986.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NASCIMENTO, J. B. do. **Palmas: sua história, trajetória e conquistas**. Palmas: WR Gráfica, 2020.

NASCIMENTO, J. B. do. **Tocantins: história e geografia**. 9. ed. Palmas: Wr Gráfica, 2019.

NUNES, José Horta. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas, 2002.

OLIVEIRA, L. L. Bandeirantes e pioneiros. As fronteiras no Brasil e Estado Unidos. **Revista Novos Estudos**, n. 37, 1993. Disponível em: https://argoseceme.com.br/pluginfile.php/5889/mod_resource/content/2/Bandeirantes_e_pioneiros.pdf. Acesso em: 22 de setembro de 2023.

PALACIN, L. **O século do ouro em Goiás: 1722-1822, estrutura e conjuntura numa capitania de Minas**. 4. ed. - Goiânia: UCG, 1994.

PARENTE, T. G. **Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins Colonial**. Goiânia: UFG, 2007.

PAULA, M. H. **Rastros de velhos falares –léxico e cultura no vernáculo catalano**. (Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista - Araraquara, 2007.

PETTER, M. **Linguagem, língua, linguística**. Introdução à linguística, v. 6, p. 11-24, 2002. Disponível em: <https://pdfslide.net/documents/petter-margarida-linguagem-lingua-linguistica.html>. Acesso em: 12 de setembro de 2023.

PÓVOA, J. L. **Dicionário tocantinense de termos e expressões afins**. Edição do Autor, 2002.

PÓVOA, J. L. **História Didática do Tocantins**. 3. ed. Goiânia: Kelps, 2004.

PRANDI, J. **Mapas do Tocantins**. Mapas Blog, 2009. Disponível em: <https://mapasblog.blogspot.com/2011/12/mapas-do-tocantins.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

SIGNIFICADO DE MÃO NA RODA. Meus dicionários, 2016. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/mao-na-roda/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SALGADO, T. **O Processo Histórico De Regionalização Administrativa Do Estado De Goiás: Experiências De 1956 A 1989**. Boletim Goiano de Geografia: Goiânia, 2012

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T.T.; Hall, S.; Woodward, K. (Orgs.) **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Editora Vozes: Petrópolis, RJ, 2012,

SOUZA, C. H. M. **Metodologia da Pesquisa**: Um Guia Prático. Itabuna: Via Litterarum, 2009.

TERRA, E. **Linguagem, Língua e Fala**. Coleção Percursos. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2010.

TIQUIM. Peso bruto, 2007. Disponível em: <https://pesobruto.wordpress.com/2007/07/14/tiquim/>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira**: O Que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999

VILELA, M. **O léxico do Português**: perspectiva geral. Filologia e Linguística Portuguesa, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59644/62740>. Acesso em: 9 de agosto de 2023.